



**CARLOS ZINGARO**  
**Seres Grotescos**

**EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA**  
**40 Anos de Pintura**

**31 de Janeiro a 2 de Março**

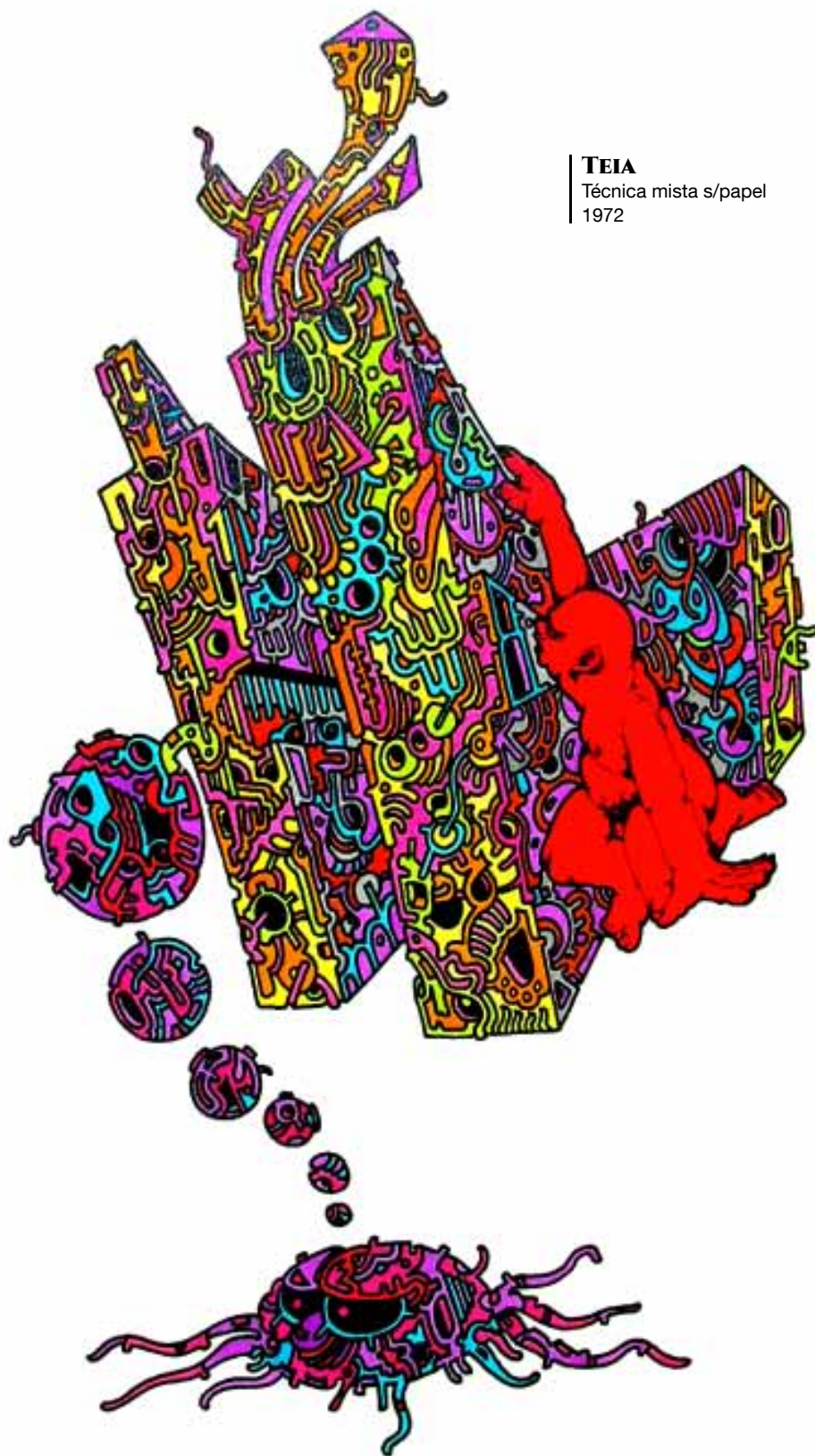
Curadoria: Carlos Cabral Nunes

Perve  
Galeria

  
Alfama

**TEIA**

Técnica mista s/papel  
1972



Carlos Zingaro, 1972

# CARLOS “ZINGARO”

CARLOS ALBERTO CORUJO DE MAGALHÃES ALVES



Começa a estudar música com 4 anos (Fundação Musical dos Amigos das Crianças, Conservatório Nacional de Lisboa, Academia dos Amadores de Música e Escola Superior de Música Sacra), tornando-se profissional aos 13, como membro da Orquestra Universitária de Música de Câmara dirigida pelo maestro Ivo Cruz. Para além dos estudos de violino frequenta também os cursos de Órgão e Canto Gregoriano com Antoine Sibertin Blanc. Estudos de musicologia, música electro-acústica e música contemporânea (teatro-música) fazem parte de permanências na Universidade Técnica de Wrocław 1978 (Polónia) e na Creative Music Foundation 1979 – Fulbright Grant (Woodstock / New York). Curso de Cenografia da Escola Superior de Teatro de Lisboa onde foi professor assistente de desenho.

Pioneiro em Portugal na utilização das novas tecnologias na composição e interacção em tempo real, assim como nas relações som / movimento e “composição imediata”.

Nos mais importantes festivais e concertos de “improvisação” e “nova música” na Europa, América e Ásia, apresenta-se em solo absoluto ou em grupos com os compositores / músicos internacionalmente mais significativos nestas áreas musicais, como Fred Frith, Peter Kowald, Joëlle Léandre, Daunik Lazro, Richard Teitelbaum, Derek Bailey, Otomo Yoshihide, George Lewis, Christian Marclay, Evan Parker, Frederic Rzewski, Elliott Sharp, Keith Rowe, etc.. É elogiado por nomes que vão de La Monte Young a Siegfried Palm, de Alvin Lucier a Steve Lacy e John Zorn.

Foi o director musical de OS CÓMICOS - Grupo de Teatro, assim como, anos mais tarde, é o fundador da galeria com o mesmo nome.

Colaborou com diversos coreógrafos, encenadores e realizadores como Olga Roriz, Michala Marcus, Paula Massano, Vasco Wellenkamp, Vera Mantero, Francisco Camacho, Giorgio Barberio Corsetti, Ricardo Pais, Constança Capdeville, Fernanda Lapa, Carlos Avilez, António Rama, Seixas Santos, Ludger Lamers e Francis Plisson.

Tem uma produção discográfica, em nome próprio ou colaborações com outros músicos / compositores, de mais de 50 títulos, com edições em França, Suíça, Alemanha, Canadá, Itália, Inglaterra, Japão, Holanda, USA. Atribuições de melhor disco do ano na WIRE Magazine (GB), CODA (Canadá) e ainda dois “Chock de La Musique - Monde de la Musique” (F).

É, desde 2002, o fundador e presidente da associação GRANULAR, dedicada ao experimentalismo nas artes sonoras e relações inter disciplinares.

Como artista plástico tem participado em exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro.

- 1971 Mercado da Primavera - II Salão dos Artistas de Domingo, Estoril (Menção Honrosa)
- 1971/72 Galeria Gody, Luanda / Angola
- 1973 Ar.Co - performances com João Guedes, Lisboa
- 1974 SNBA - cartazes Cascais Jazz, Lisboa
- 1975 Visão - revista BD
- 1984 Galeria Cómicos - instalações e performances “Depois do Modernismo”, Lisboa
- 1989 Galeria Stuart / Impala, Lisboa
- 1990 Galeria do Outro Lado do Espelho, Sintra
- 1991 Galeria Arcada, Estoril
- 2002 Dock 11, Berlim / Alemanha
- 2006 Akademie der Kunst - video art, Berlim / Alemanha
- 2006 Théâtre Le Petit Fauchoux, Tours / França
- 2008 Trem Azul, Lisboa
- 2009 Universidade de Guimarães / Museu de Arqueologia

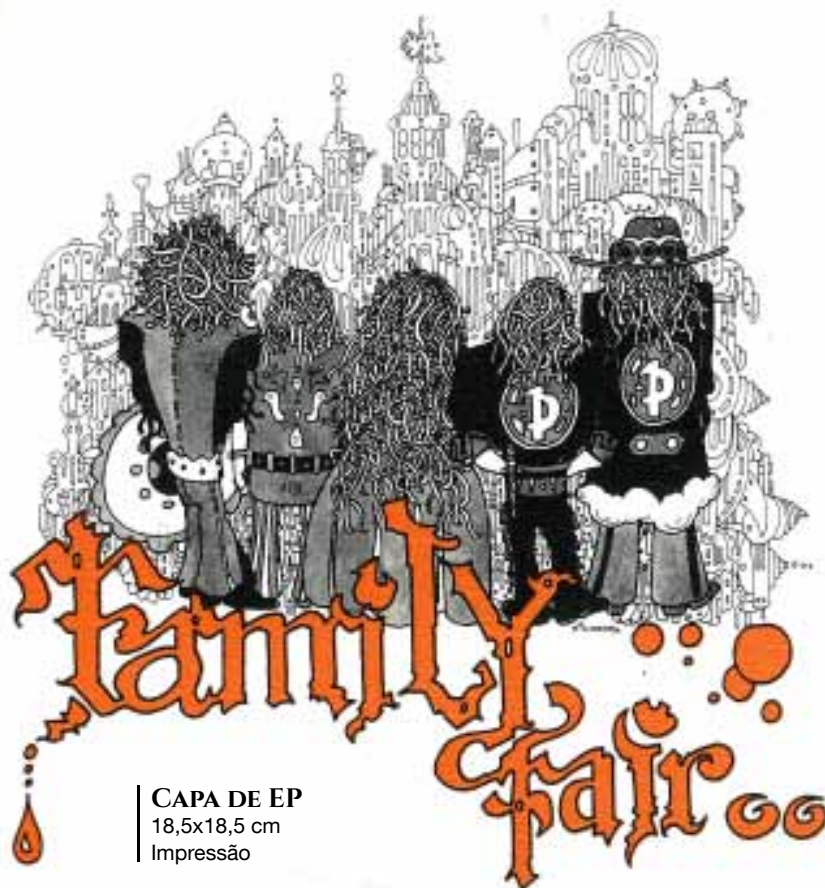
Colabora nas publicações O Ovo, Visão, Evaristo, Bisnau, Pão com Manteiga, A Mosca, Gazeta de Artes e Letras, Artes Plásticas, Liberal, Sete, Revista do Teatro Nacional de S. Carlos, Jazz.Pt, Mr. Mouche (Ed. Zampano / FR), Les Allumés du Jazz (FR). Prémios para a melhor Ilustração de Humor do Salão de Porto de Mós nos anos de 1988 e 1989. Prémio PNSAC- Humor e Ambiente 1990 / Salão de Porto de Mós. Melhor Ilustração de Humor 1991 (Salão de Oeiras).

Fundador da Galeria Cómicos em Lisboa e integrou a comissão organizadora de Depois do Modernismo em 1984.

Cenografias e figurinos para Ballet Gulbenkian e Grupo de Teatro Os Cómicos, grupo de que foi o director artístico.

Desde 2003 que vem desenvolvendo trabalhos de instalação multimedia (imagem, animação, video, audio). Senso (2003), Bar Codes / Parasita Acumulador (2004), Storia Intramuri (2005), e Cage of Sand (2006). Depois de residência de criação artística na Civitella Foundation / USA-Itália em 2010, trabalha um novo projeto intitulado: “Tracce Sulle Rocce”.

“... A evocação de um mundo onírico e biomórfico, onde o grotesco adquire qualidades líricas ...” - Eurico Gonçalves.



CAPA DE EP  
18,5x18,5 cm  
Impressão



**CONVOLUTION #1**

22x25 cm

Técnica mista s/cartão

1980



**CONVOLUTION #2**

22x31 cm

Técnica mista s/cartão

1980



**DESMEMBRAMENTO MARÍTIMO - CENA I**

49x39 cm  
Óleo s/tela  
1991

S/TÍTULO  
42x32 cm  
Pastel s/papel  
1989



S/TÍTULO  
42x32 cm  
Pastel s/papel  
1989

S/TÍTULO  
32x42 cm  
Pastel s/papel  
1989





S/TÍTULO  
42x32 cm  
Carvão s/papel  
1989



### QUEIMA

32,5x48,5 cm

Técnica mista s/papel  
1988



### S.E.C.

32,5x50 cm

Técnica mista s/papel  
1988



### OUTROS PROBLEMAS

42x32 cm

Pastel s/papel  
1989

## COMO GUARDAR O CORAÇÃO NA CAIXINHA DAS ESMOLAS

*Ao Carlos "Zingaro"*

*16 de Janeiro de 1917*

Cândido Roubeta olhou, numa ganância ansiosa, para a mulher Benedita, que suspirava com medo de fraquejar. - Tu achas, mesmo, que conseguimos? - questionou-o ela, atormentada por alguma inquietação feminina.

- Tal e qual, está feito! - garantiu o afoito Cândido, ensaiando com a mão direita um golpe seco sobre a palma da esquerda. - Basta acertar-lhe em cheio, bem no meio da nuca!

Mas, logo a seguir, as órbitas negras do marido arregalaram-se, como cavernas assombradas num súbito transe. Finalmente, ousou pensar alto:

- E, depois, como é que nos desfazemos do corpo?

São situações assim que determinam a perversa vivacidade dos matadores por conveniência. Ripostou-lhe Benedita, com fria argúcia:

- Ora, isso será o menos... Tiras o tampo da cagadeira e manda-lo directamente para a fossa. Tapamos com carqueja. Com tanto cheiro a merda, ninguém há-de reparar no fedor, enquanto ele vai apodrecendo!

Ante tamanha boçalidade, até a imaginação grotesca de Cândido Roubeta se apavorou. Não era dado ao temor místico, mas um abalo desde as partes genitais fê-lo, ainda, duvidar num arrebatado da masculinidade:

- E se, mais tarde, ele aparece em fantasma? Carago, Benedita, nisso não se pode tocar nem espiarescer...

- Mas interessa-te pôr a unha na bolsa do dinheiro dele, não é?

- Tu ouviste como as moedas tilintaram, quando a saca de couro lhe escapou das mãos, e caiu para o soalho... - justificou-se Cândido, em vão, com uma convicção já vencida pela cobiça.

Um olhar paralisado firmou a cumplicidade entre o casal de velhos.

Ambos esbracejavam, parvos, na eminência da tragédia, sob o naufrágio da santidade. Eram carrascos de uma oportunidade rara e desviada, naquela estalagem erma, desolada, do Minho bravo, em que se cruzava, sem destino, o paradoxo de quatro caminhos. Até que tudo parecia ter um fim escabroso.

Benedita Roubeta espicaçava, na sua natureza bruta e suplicante:

- Com o que lhe tirarmos, ainda nos dá para ir ver o nosso filho, ao Brasil... Depois de tanto tempo, ralam-me as saudades! Coitadinho do Aquiles, como é que ele estará?

O sítio, Rossas, era um gelo. Cândido untou a angústia de monstruoso crime, graças àquele desígnio maior de um reencontro familiar. Reteve Benedita, num gesto de determinação. Que ficasse ali no escano, junto à lareira crepitante.

A Cândido, nada lhe escapava. Com um sopro, apagou as velas.

Pronto, não lhe faltariam as forças, quando o punho armado desabasse sobre o infeliz mancebo, inesperado e encharcado pela tempestade, que horas antes ali chegara a cavalo. Com um estranho sotaque. Em busca de refúgio para a noite, acabaria por encontrar - num sarcasmo funesto - o eterno descanso que se reservava às vítimas anónimas de um acaso providencial.

- Também, ninguém o mandou vir... - resmungava Cândido Roubeta entre dentes, afastando algum resquício de remorsos prematuros, na raiva com que agarrava o candelabro extinto e exterminador.

De vagarinho, abriu a porta do quarto, sem fazer barulho. Entrou como uma sombra a vigorar-se no escuro. Um pensamento fugaz expandia-o da ânsia de Benedita até à melancolia fatal por Aquiles. Como um autómato, Cândido penetrou, profundo, no coração do horror.

Com um tal impacto, que nunca mais saía. Como se estivesse emaranhado às trevas. Pelo menos, assim parecia a Benedita, que ficara expectante na cozinha. Cada vez mais instável. À coca de qualquer ruído, e mirando consumida as labaredas.

Até que um vulto reapareceu na ombreira antes transposta por Cândido. Durante alguns instantes, ficou a ganhar forma perceptível ao espanto de Benedita. Seria uma mistura híbrida, entre a decadência agastada do marido e a vivacidade do estrangeiro hóspede.

Incrédula, desgraçada, Benedita sentiu desentranhar-se, fora de si, aquele logro maternal em que, para sempre, resplandecia a dor do anelo profanado por Aquiles Roubeta.

- Demónio, o que me queres, e em que me tentas?! - gritou ela, a estrebuchar numa agonia que a precipitava ao pior dos pesadelos.

Então, beijou-a uma língua de lume, com ardor corpóreo e tropical.

*José de Matos-Cruz - escritor, guionista, jornalista  
(Lisboa)*



**S/TÍTULO**  
59x50 cm  
Pastel s/papel  
1989

La visione di queste bellissime opere inedite di Carlos "Zingaro" mi aiuta davvero a comprendere meglio cosa sia il grottesco, a comprendere forse il senso del grottesco.

Certamente il significato profondo di ciò va oltre la padronanza delle tecniche pittoriche che egli mostra e che ha utilizzato, va oltre lo stereotipo dell'idea del grottesco, oltre il titolo assegnato ad ogni opera che lui presenta, tutte inedite e realizzate tra il 1972 e il 2012, e oltre la cronologia delle realizzazioni.

Gli arabeschi (che possono anche ricordare la schiuma sulle onde dell'oceano... o certe nuvole...) ci portano per mano lungo il percorso... Nella visione visionaria... Sbeffeggiante, irriverente, mai volgare, a volte comica, ma profondamente densa di domande ma anche di sentenze...

Questa espressione dell'esperienza del grottesco può essere illuminante... per comprendere, anche, le motivazioni, la curiosità, la ricerca che in queste pitture e disegni Carlos "Zingaro" esprime... Forse vivere vicino l'oceano può far maturare questo senso di solennità, al tempo stesso scanzonato quanto vitale... L'orizzonte, la distanza, lo sconosciuto, il probabile, il possibile e l'impossibile...

La connessione tra le opere in un unico temporale con la maturazione dell'esperienza del grottesco è evidente...

Il tratto carnescalesco denso di forme e ricco di strabilianti colori (a partire da "Teia" del 1972 per continuare con "Block#02" e "Block#01" del 2011... per arrivare a "As três Graças" del 2012...) rende l'idea e la fa materia da poter sperimentare... Permettendo dunque al fruitore di queste opere di comprendere, condividere, informarsi, ponendosi anche mille domande, anche solo curiose, circa il sistema nel quale egli vive, avendo la possibilità di connettersi col vero significato dell'esperienza: l'esistenza.

Il bizzarro, lo stravagante, la stranezza, la deformità, (... nelle opere n° 48, 50... ad esempio...),

ed ancora il privo di senso, in apparenza, e gli ornamenti, gli intrecci, le forme, gli arabeschi di "Entranhas" opera del 2010... Segni di una sogno, reale, ancestrale... (... di cui l'umanità ha avuto conferma della sua esistenza nei tempi antichi scoprendo le famose cripte e grotte con graffiti dell'era dell'imperatore romano Tito...)... Certificano proprio questo.

...E se in quel tempo il graffito a "rappresentazione" del "grottesco" era posto in ambienti non proprio pubblici... In questo tempo "contemporaneo" il senso del "grottesco" è necessario... E che sia trasmesso... Risposta necessaria a quello che i tempi, gli stili, i regimi, propongono.

...Il "senso" del grottesco è ovunque e testimonia da tempi immemorabili ciò che nell'animo umano esiste del quale si deve prendere coscienza.

Ai più potrebbe apparire come semplice segno grafico, su un muro, una tela o altro, ... Sempre irriverente, ridicolo (ad esempio nei lavori n° 48 o 49 del 2011...) ...Oppure questo senso viene rappresentato in un testo teatrale riservato magari agli intellettuali nel tentativo di descrivere la vita borghese, nel descrivere il paradosso per poter poi rompere le convenzioni... Io trovo che questo che chiamiamo "grottesco" e il suo senso a volte indecifrabile, sia espressione intima alla portata di ognuno di noi, anche per capire e dare il senso alle cose...

Come nella celebrazione del carnevale che in realtà ha origini molto più antiche (nelle celebrazioni dei riti Dionisiaci o dei Saturnali Romani).

Lo sconvolgimento, la confusione delle forme, la sospensione delle norme, la violazione dei divieti, come accade appunto nel Carnevale. Ma in cui tutto tende in realtà alla dissoluzione del mondo per restaurare il tempo dell'origine. Il tempo delle origini, il tempo del caos, al quale seguirà certamente una nuova creazione (come ad esempio nelle opere n° 12 "De qualquer forma", oppure in "Acabado" opera #28, per arrivare a "Body Parts"#7-8-9-10...).

E tutto ciò mi ricorda naturalmente la grande musica di cui è capace Carlos "Zingaro", quella che lui produce in perfetta sintonia col suo senso del grottesco... Cioè quella che lui produce nella quale descrive o rappresenta ciò che gli è familiare ma che si può improvvisamente rivelare estraneo e/o sinistro... A volte può essere un gioco dell'assurdo... Così come egli descrive col tratto grafico corpi con escrescenze, o ramificati, o prominenti o smembrati... Per poi ricomporli in un altro significato plausibile, possibile, in una lettura differente.

Con queste opere, pitture e disegni, Carlos "Zingaro" testimonia e rivela anche la possibilità di vedere un mondo diverso, e forse di un altro ordine, ma comunque generato per generare una diversa struttura o modo di vivere...

Carlos avverte e descrive perfettamente il senso di mediocrità che si accompagna a molte esperienze umane... A quelle di chi rinuncia anche a rinunciare... I suoi tratti descrivono la sua emotività, la sua analisi delle situazioni di vita in cui si esprime forse a volte anche col disagio come tutti... Ma superate con l'intelligenza... Forse alla ricerca di sé stesso non per giustificare la propria esistenza ma per testimoniare la sua concreta presenza.

Ottobre 2012 Italia

**Marcello Magliocchi** - músico, compositor, escultor  
Ottobre 2012 (Bari / Italia)



**S/TÍTULO**  
60x50cm  
Pastel e carbonio s/papel  
1989



**MOVIMENTO**  
59x50 cm  
Pastel s/papel  
1989



**CORPO TRUNCADO**  
59x49,5 cm  
Pastel s/papel  
1989



**BODIES & MASK**

36x27 cm  
Acrílico s/papel  
2000



**FIGURES#2**  
21x29,5 cm  
Aguarela s/papel  
2001



**FIGURES#1**  
30x21 cm  
Aguarela s/papel  
2001

0.7. 2001-11 LE MANS



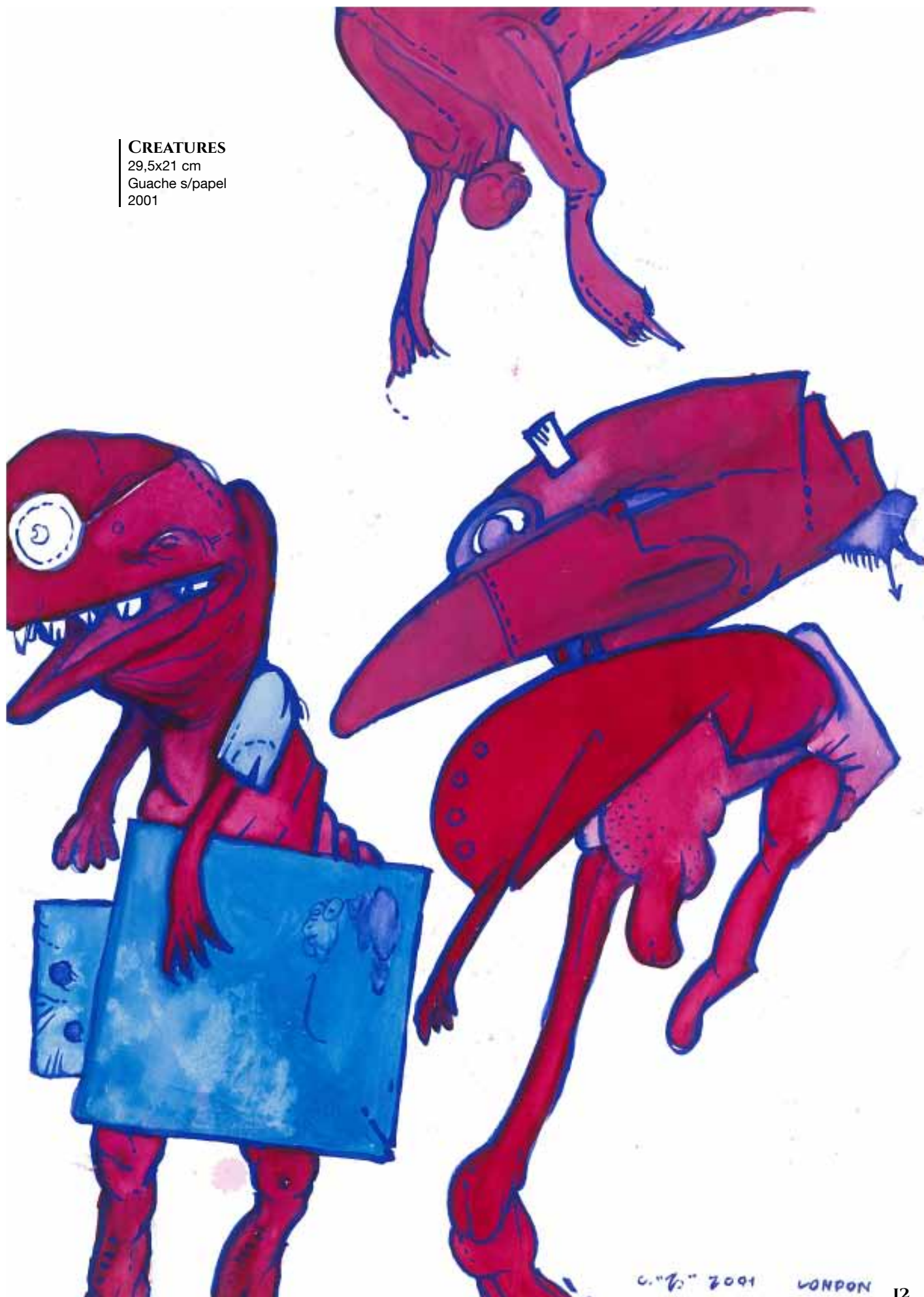
**TERMINADO**  
36x27 cm  
Acrílico s/papel  
2000

**CREATURES**

29,5x21 cm

Guache s/papel

2001



C. "V." 2001

LONDON



**CANCELA TOURS**  
21x28,7 cm  
Guache s/papel  
2002

Não é simples para mim falar desta obra de Carlos “Zíngaro” sem referir como ambos, criador e criatura, se cruzaram comigo praticamente desde que me lembro. À época da revista Visão, onde constavam desenhos dele e onde os vi pela primeira vez, eu teria os meus onze anos; quando tomei nota da existência dessa peça estranha que é o primeiro disco da Banda do Casaco (“Dos benefícios de um vendido no reino dos bonifácios”) e liguei o nome do desenhador da capa ao do violinista que marcava tão claramente o interior dessa obra, não teria mais de quinze anos.

Entretanto fiz-me músico de profissão e artista visual por compulsão (ou vice versa). E no início dos anos noventa, a minha atividade cruzou-se com a dança contemporânea e com o teatro no labor da composição de música de cena. O “Zíngaro” lá estava, como percussor e referência desse universo criativo.

Mas só no final do milênio passado, por ocasião de um concerto em dueto com o malogrado contrabaixista Peter Kowald, me apercebi de que o Carlos “Zíngaro” era um dos maiores músicos do mundo. Percepção que não resultou de virtuosismo ou de habilidade sintática (que me eram já familiares), mas da presença de uma voz que dialogava comigo num idioma radicalmente inteligível e paradoxalmente misterioso e reconhecido. Uma fluência discursiva tão organicamente completa que dir-se-ia pré-existir à sua elaboração em tempo real a que eu assistia. Essa identidade, que eu aprendera a identificar primeiro nos desenhos, depois no dialeto violinístico e por fim no seu trabalho de composição, eu identificava agora num patamar inesperado, de inequívoca transcendência.

Se este homem me toca desta maneira agora, como andei eu tão distraído, que detalhes perdi, que associações ficaram por fazer?

Parece-me, e digo por experiência, que a fronteira entre as expressões sonora e visual são bem mais tênues do que à primeira vista se poderia pensar; ambas correspondem a uma pulsão de idêntica raiz e ambas exprimem o mesmo núcleo de significado: há que transmitir de volta o que o mundo imprime em nós. E mais, paira sobre tal imperativo a sedução da abstração formal, mesmo quando esta se socorre de formas concretas. Essa abstração, no percurso criativo do “Zíngaro”, decorre de uma necessidade de experimentação que se confunde com a própria personalidade criativa.

Uma natureza que se assume inflexível na autenticidade e honestidade programáticas.

Uma série de chatice a tal natureza associadas.

Um percurso exuberante e limpo, sobre o qual temos a oportunidade de pensar nesta ocasião. Ou tendo em conta o impacto

real desta labuta na vida quotidiana do artista, o melhor é não pensar muito.

O melhor é olhar para estes desenhos e o que eles são!

Seres grotescos, para abreviar às crianças e ao povo! E o que mais?

Eu acho que sei, mas disso não falo! Digo apenas que para lá do grotesco, do escárnio e do riso, se relacionam estruturas tímbricas, se organizam espaços texturais, se contrastam campos harmônicos instáveis, se descobrem solistas, pequenos ensembles e uma ou duas orquestras, se demanda por fim um equilíbrio formal e uma efetividade expressiva que não são exclusivos de nenhuma disciplina artística em particular.

O que sempre resulta em poesia.

E como na poesia, sempre procuramos o que se não vê.

**João Lucas** – músico, compositor, artista visual  
(Brasília / Brasil)



**S/TÍTULO**  
29,5x42 cm  
Sumi s/papel  
2010

# A CARTOONIZAÇÃO DO OBSCURO

Talvez o obscuro não tenha de ser necessariamente grotesco. De acordo: num e noutro escondem-se os medos das sombras e das lendas de seres antropomórficos os quais – lá vivendo – figuram a Escuridão. Mas o Belo poderá estar em toda a parte, talvez como um Deus ainda menos consensual.

Nesta retrospectiva, Carlos “Zíngaro” mostra-nos o seu mundo terrivelmente belo de fantasmas e criaturas, através de composições construídas em distopia (aqui, anatómica) como se de deformações genéticas se tratasse. É evidente o seu prazer e liberdade em construir personagens que não parecem ter história, nem idade, nem cidade – o artista transfere para nós a responsabilidade de colocar as suas figuras num qualquer espaço ficcional.

É notório e notável como o artista, enquanto músico também, exhibe essa vontade indómita (filme de King Vidor) de romper com a banalização do idêntico e do conformismo estético. E fá-lo desde os finais dos anos 60, propagando o seu talento pela Música, Pintura, Banda Desenhada, Ilustração e Cartoon.

Porto 2012

**Teixeira Moita** - escritor, dramaturgo, pintor (Porto)

Grotesques, horribles, effrayants... Qui a dit ça?

Plutôt un imaginaire sans fond, une grande poésie, un humour, une nourriture quotidienne... pour Carlos, regarder autour de soi, observer l'homme, tout simplement, dans un grand silence.

Le geste est vrai, direct, fort, sans rature, comme l'archet du musicien qu'il est, immense improvisateur et compositeur.

Il nous parle de quoi?

De ces instants futiles, de la rue, des petites choses qui nous bouleversent, des cruautés et injustices de l'homme, de l'arrogance et le manque de poésie des chefs qui nous dirigent, et puis là-bas, plus loin, des espoirs, des rages, des utopies, je ne sais moi....

de Dieu sans doute, d'un ailleurs, des déchirements et pauvretés de cette planète tellement malade... et puis, d'un visage tout d'un coup, qui éclate et qui coule comme un fruit trop mur!!!

Oui, ses croquis sont beaux, élégants, raffinés, drôles et provocateurs, Carlos cher ami, garde cet humour noir, cette élégance intellectuelle et cet immense culture que tu as, c'est rare en ce moment!!

**Joëlle Lèandre** – música, compositora, poetisa  
(Paris / França)



**BIRDEYE**

30x24 cm

Óleo s/papel

2001

Per quelli che si portano dietro sempre un quaderno

Por Carlos

Irmão dicembrino

Lo “Zíngaro” ne ha in tasca uno e nell’ altra matite colorate

mentre un autobus lo porta in giro per l’Europa.

Lo le ho viste ai tavolini di un caffè e poi ancora nei camerini di un teatro le sue creature vagare nei paraggi di un arcata e/o di un accordo finale per poi rientrare in tasca e continuare il viaggio.

Sono creature misteriose creature grottesche creature buffe senza età senza peso danzano insieme indossando ali e maschere. alcune di loro farebbero per fino la felicità di un bambino.

Quale fortuna più grande per un artista?

Münich 9 ottobre 2012

**Sebi Tramontana** – músico, compositor, artista visual  
(Munique / Alemanha)

**DRAGON SADOW**

27,7x19,4 cm

Caneta s/papel

2010



**S/TÍTULO**  
21x29 cm  
Guache s/papel  
2002

Escrever algumas linhas sobre estes Seres Grotescos, do meu amigo Carlos “Zíngaro”, surgiu-me como um honroso convite do autor, convite ao qual eu não podia nem quis declinar, quer pela amizade de longa data que nos une, quer pelo respeito por toda a sua obra e percurso, tanto nas artes performativas, musicais, teatrais e de dança, como músico e compositor de excelência nas vertentes da música electrónica e de improviso, com reconhecimento nacional e mais ainda internacional, como também na área do desenho, cartoons, comics e ilustração, área esta mais intimista e talvez menos conhecida.

Olhar para as suas obras ora aqui apresentadas, remete-me para dois mundos. Um, bem localizado temporalmente, que me leva ao início da década de 70 do passado século (fica sempre bem esta referência à nossa contemporaneidade de dois séculos), quando o conheci em Luanda, no período, esperemos irrepetível, da guerra colonial, em que eu, um mero e assumidamente intérprete amador de baladas de Donovan e de outros nomes carismáticos daqueles anos, me cruzo com um músico, já nessa altura de elevada craveira, facto que não nos impediu de juntos nos divertirmos imenso, em duetos, para os quais eu contribuía apenas com meia dúzia de acordes esforçadamente arrancados à minha viola acústica de 12 cordas e ele com todo o seu virtuosismo e talento, com improvisos sempre plenos de criatividade, na sua viola, substituta do violino, o seu instrumento por eleição, fazendo como que um rendilhado e enriquecedor contraponto à minha indistigável inépcia musical. Sendo eu filho de músico profissional, nunca me decidi a tomar a música como aprendizagem. Ouço e aprecio muitíssimo melhor do que tocava nessa altura e hoje nem se fala... Mas isto são memórias dum tempo que nada tem a ver com a actualidade, porque, pese embora o conflito aberto em três frentes de guerra e o sufoco de todo um povo no Portugal de então, o sonho desflorava em cada um de nós e vivia-se uma esperança constante de mudança, que acabou por acontecer, não obstante aquilo a que hoje tristemente se assiste, graças ao penhorado esforço de uns tantos para apagarem definitivamente o sonho a que todos temos direito. Foi assim que nesses tempos de sonho em construção tomei contacto com os primeiros desenhos de Carlos “Zíngaro” e logo ali lhe reconheci um talento equiparável ao que musicalmente ele já demonstrava.

O outro mundo a que me remetem estes desenhos, é um mundo mais surreal e figurativo, um mundo de seres grotescos, como os apelida Carlos “Zíngaro” e que me transporta a um universo em que a figuração ou mesmo a beleza, podem atingir formas e características aparentemente indescritíveis e mais ainda, absolutamente antagónicas da nossa percepção do belo e do perfeito. Dou comigo a penetrar num mundo onde seres que podemos não ser nós, nos observam e simultaneamente se deixam observar pelo nosso conceito de perfeição e beleza. E o que são estes dois conceitos?... Que olhares correspondem a quem e qual a apreciação que, por exemplo, um extra-terrestre faria, ou eventualmente, fará da nossa imagem de seres humanos? Nós temos essa percepção porque sabemos, dum modo geral, como esses hipotéticos seres aparecem à nossa imaginação, nas várias representações que em obras de ficção, quer na literatura, no cinema ou noutras formas representativas, a eles se referem e os descrevem em traços desenhados ou literalmente escritos ou descritos. E como nos verão eles, esses seres, a que nós podemos chamar grotescos?

É nesta dualidade de percepções sobre aquilo que nós entendemos ser o belo, o perfeito e o reconhecível e a desejável, mas difícil, aceitação da forma como os outros nos apreciam e reconhecem, que pode assentar uma das leituras possíveis deste mundo criativo que Carlos Zíngaro aqui nos traz. Possível, é também a transposição desta questão para a forma como, mesmo entre nós, humanos, cidadãos e pessoas individuais ou colectivas, nos apreciamos uns aos outros e diabolizamos aqueles que não se identificam, por exemplo, com os nossos sonhos de vida, as nossas aspirações e sentido de liberdade. Julgo, na minha assumida humildade de cidadão medianamente informado e interessado na preservação dum mundo onde as pessoas cada vez mais se entendam, que ainda não teremos chegado a tal ponto, mas cada vez mais assisto a cenas grotescas na nossa sociedade e essas cenas só podem ser grotescas se os seus agentes e intérpretes, os seus criadores, tiverem já em si um perigoso grau de maldade que os leve a considerar como seres imperfeitos e descartáveis, diria mesmo escorraçáveis, todos aqueles que não se encaixam na sua noção de seres perfeitos, mesmo que manipuláveis e submissos, por isso mesmo.

Resumindo, o mal em si, não é o facto de existirem seres grotescos, mas sim de existirem homens intolerantes à diferença... E esta é apenas umas das leituras possíveis do que Carlos “Zíngaro” aqui nos apresenta...

Lisboa Outubro 2012

**Ernani Balsa** - escritor, fotógrafo, jornalista (Lisboa)

# Seres Grotescos - Carlos "Zíngaro" na Galeria Perve

A primeira vez que vi desenhos do Carlos "Zíngaro", nos meus tempos de faculdade, coincidiu com a primeira vez que o ouvi tocar. Foi em 1997, salvo erro, com a reedição do disco da Banda do Casaco "Benefícios de Um Vendido no Reino dos Bonifácios" editado em 1975, em que participa como violinista e assina a capa e contracapa do disco, com duas pranchas de banda desenhada, no seu estilo inconfundível. Fiquei tão intrigado com o desenhador como com o músico, assim que fui descobrindo o seu percurso nestas duas áreas, mas foi sobretudo o desenho, ou a banda desenhada, que me levou ao seu encontro, muitos anos depois. Sendo na altura professor de um curso de licenciatura em banda desenhada e ilustração, (na ESAP-Guimarães) e tendo sido convidado para, juntamente com o Pedro Moura, organizar um ciclo de exposições retrospectivas dedicadas a grandes autores nacionais dessas áreas, cuja obra por algum motivo merecesse um novo olhar, a nossa primeira escolha caiu inevitavelmente sobre o Carlos "Zíngaro".

Estávamos em 2009, e no seio da comunidade de jovens autores de bd, ilustradores e artistas plásticos em que me inseria, (os colectivo A Mula e O Senhorio, do Porto, e a Imprensa Canalha, Opuntia Syndrome, ou a Associação Chili Com Carne, de Lisboa, só para citar alguns) a obra do Carlos era uma referência transversal no campo da banda desenhada, e das artes visuais, sendo evidente o interesse que tal exposição poderia gerar. O experimentalismo gráfico, o radicalismo estético e a independência do seu discurso, suscitavam em muitos de nós uma vontade genuína de conhecer a sua obra e até de colaborar com ele, em projectos vários, como mais tarde veio a acontecer.

Depois de entrarmos em contacto com o Carlos, eu e o Pedro fomos ao seu atelier, em Lisboa, para conversar e seleccionar trabalhos. O atelier ficava próximo do Museu das Janelas Verdes, com uma vista magnífica sobre o Tejo, e pelas paredes e móveis acumulavam-se instrumentos musicais primitivos e exóticos, montanhas de livros, objectos estranhos e inclassificáveis, esculturas africanas, um esqueleto inteiro, um cavalete de pintura, desenhos, telas, parafernália musical e tecnológica que nunca irei compreender, num amontoado de caixas e fios, etc. Tudo arrumado de modo a caber num espaço relativamente exíguo, como uma espécie de relicário. Após estes anos, é possível que a memória me traia, mas ficou-me esta impressão de exotismo, excesso e bizarria, que tantas vezes associei à sua produção plástica.

Durante o nosso encontro, enquanto folheava uma pasta enorme cheia de trabalhos sobre papel, dos anos 70 até ao presente, ia escutando a conversa ou a entrevista do Pedro Moura com o Carlos. Ouvi-os falar da sua passagem breve pela Faculdade de Belas Artes, da sua formação musical, das experiências enquanto cenógrafo, e da ideia que tinha inicialmente de que a sua carreira nas artes visuais se iria sobrepor à da música, o que, por motivos de vários, nunca aconteceu. Falou-nos da sua colaboração com a revista Visão, das suas referências nesse e noutros períodos, de Ralph Steadman e da bd underground americana (Robert Crumb, S.

Clay Wilson, e a equipa da Zap Comix), à arte japonesa, ao artesanato mexicano, a Otto Dix, a Francis Bacon, ou a James Ensor. Ignorando, no seu discurso, as tradicionais fronteiras ou territórios específicos das artes visuais, e das hierarquias que lhes estão associadas.

Ideologicamente, e talvez isso seja mais evidente na sua produção inicial devido ao contexto histórico, o autor, ainda que não o faça de modo directo ou panfletário, assume muitas vezes uma posição contestatária, anti-establishment, anarca, descomprometida, livre e cínica perante os poderes, as instituições e os mitos contemporâneos. O seu traço vibra, explode violento perante o nosso olhar perplexo, mas também pode ter a crueldade fria de um cirurgião, que retalha a carne sob a luz fluorescente da sala de operações. São muitas vezes imagens de sonho, de delírio, de pesadelo, de perversão...

Na sua pintura o radicalismo estético torna-se ainda mais extremo, tendo a representação do corpo como eixo estruturante de múltiplas transformações plásticas e formais. Alguns trabalhos apresentados nesta presente exposição retrospectiva na Galeria Perve permitem-nos reconhecer algumas linhas de actuação em torno deste interesse particular do autor sobre o corpo e as suas mutações: as representações próximas do cartoon ou da caricatura, onde o comentário político toma lugar (SEC, de 1988), as composições abstractizantes ("Convolution", de 1980, ou "Cancela", de 2011), onde a presença do corpo surge por assim dizer, "desfigurada".

Existe uma atitude sofisticada e subversiva, que se insinua sobretudo nas obras mais surrealistas, ("Acabado", de 2006 e grande parte dos trabalhos sem título mais recentes) mas que atravessa toda a sua criação plástica e que convive, inesperadamente, com uma pincelada ou um gesto por vezes expressionista, selvagem, bruto, primitivo. Como se a pintura do Carlos "Zíngaro" resultasse de um luta de forças e vontades antagónicas, que o fazem oscilar entre o comentário distante, pleno de ironia, niilista, desencantado, cínico, provocante e por vezes escatológico (Vómito, de 2001) e a angústia existencial, que reconhecemos como um travo amargo depois de ver uma exposição sua.

**Marco Mendes** – desenhador, artista visual, docente (Porto)



**S/TÍTULO**  
29,5x42 cm  
Sumi s/papel  
2010



**DE QUAQUER FORMA...**  
36x27 cm  
Guache s/papel  
1997



**S/TÍTULO**  
27x35 cm  
Aquarela s/papel  
2010



**WAR ZONE**

26x27 cm

Técnica mista s/papel

2002

**MÁSCARA**  
32x23,5 cm  
Guache s/papel  
2003





**CANCELA**  
27x36 cm  
Acrílico s/papel  
2011



**O PODER DA TERRA**  
34x26 cm  
Guache s/papel  
2003



**A SAÍDA**

50x60 cm

Aquarela e guache s/papel

1991



**A SAÍDA-II**

49x69 cm

Óleo s/tela

1991



**FACE #1**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**FACE #2**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**FACE #3**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**FACE #4**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**S/TÍTULO**  
24x33 cm  
Acrílico s/papel  
2006



**A SAÍDA**  
50x60 cm  
Aquarela e guache s/papel  
1991



**BODY PARTS #7**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**BODY PARTS #8**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



**BODY PARTS #9**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



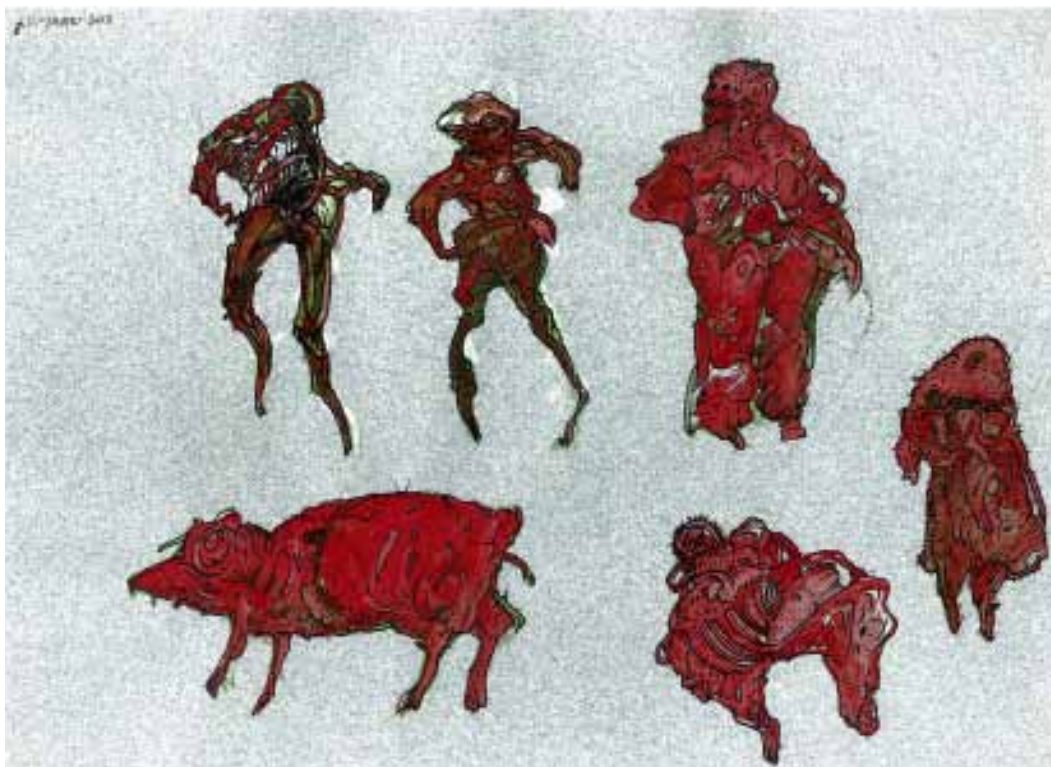
**BODY PARTS #10**  
20x20 cm  
Óleo s/tela  
2007



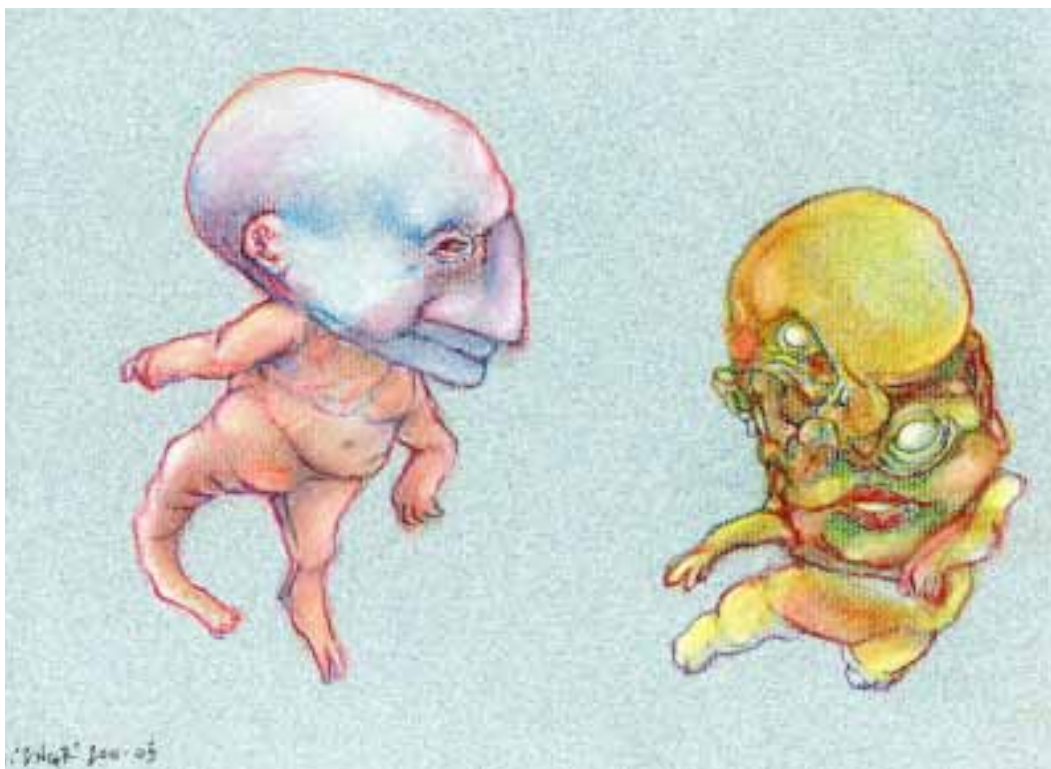
**PAKTUOS**  
27x36 cm  
Acrílico s/papel  
2005



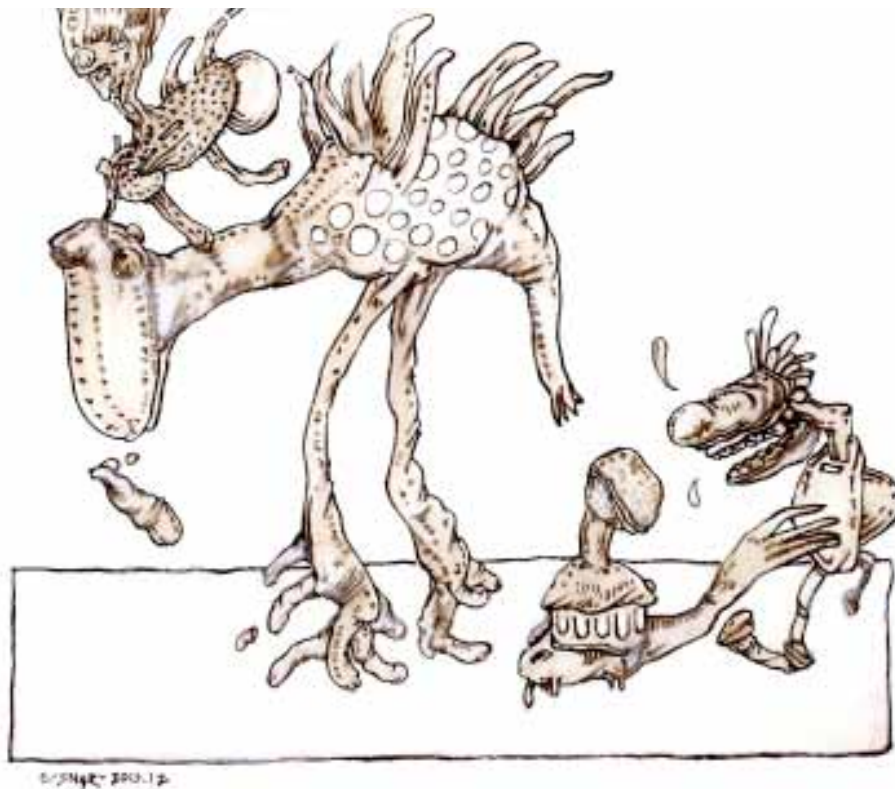
**BARRAGEM**  
20x30 cm  
Óleo s/tela  
2009



**S/TÍTULO**  
27x35 cm  
Aguarela s/papel  
2010



**S/TÍTULO**  
24x32 cm  
Pastel s/papel  
2010



**S/TÍTULO**

24x33 cm

Técnica mista s/papel

1948

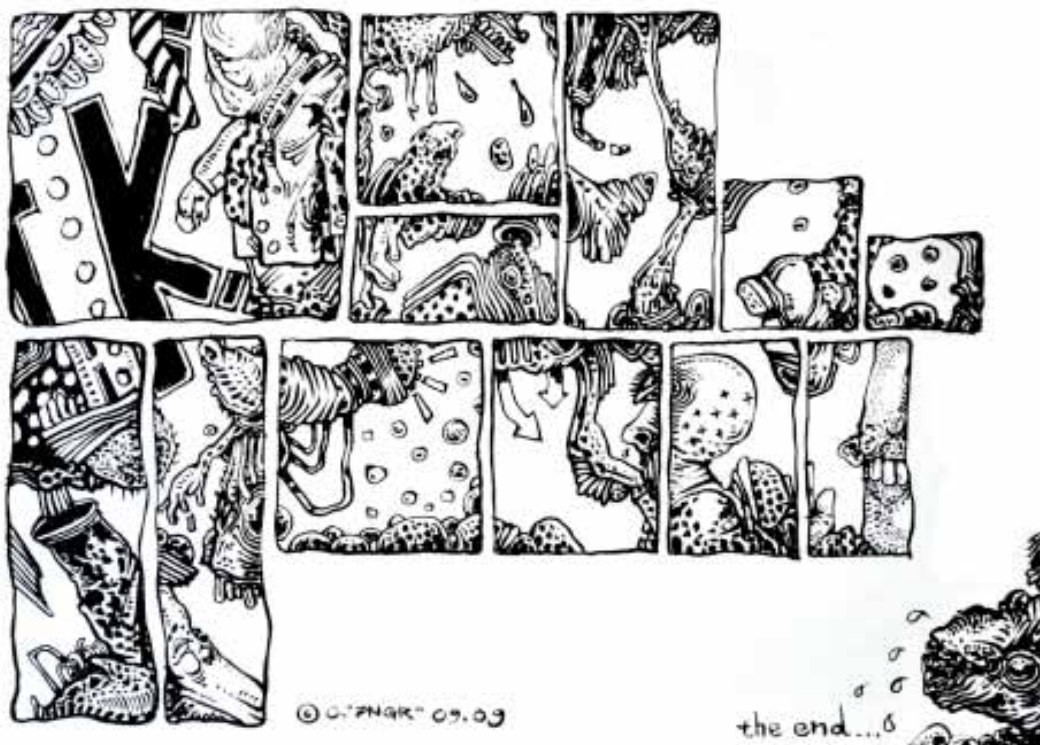


**S/TÍTULO**

27x35 cm

Aguarela s/papel

2010



THE END...  
21x30 cm  
India s/papel  
2009

S/TÍTULO  
24x30 cm  
Caneta s/papel  
2010

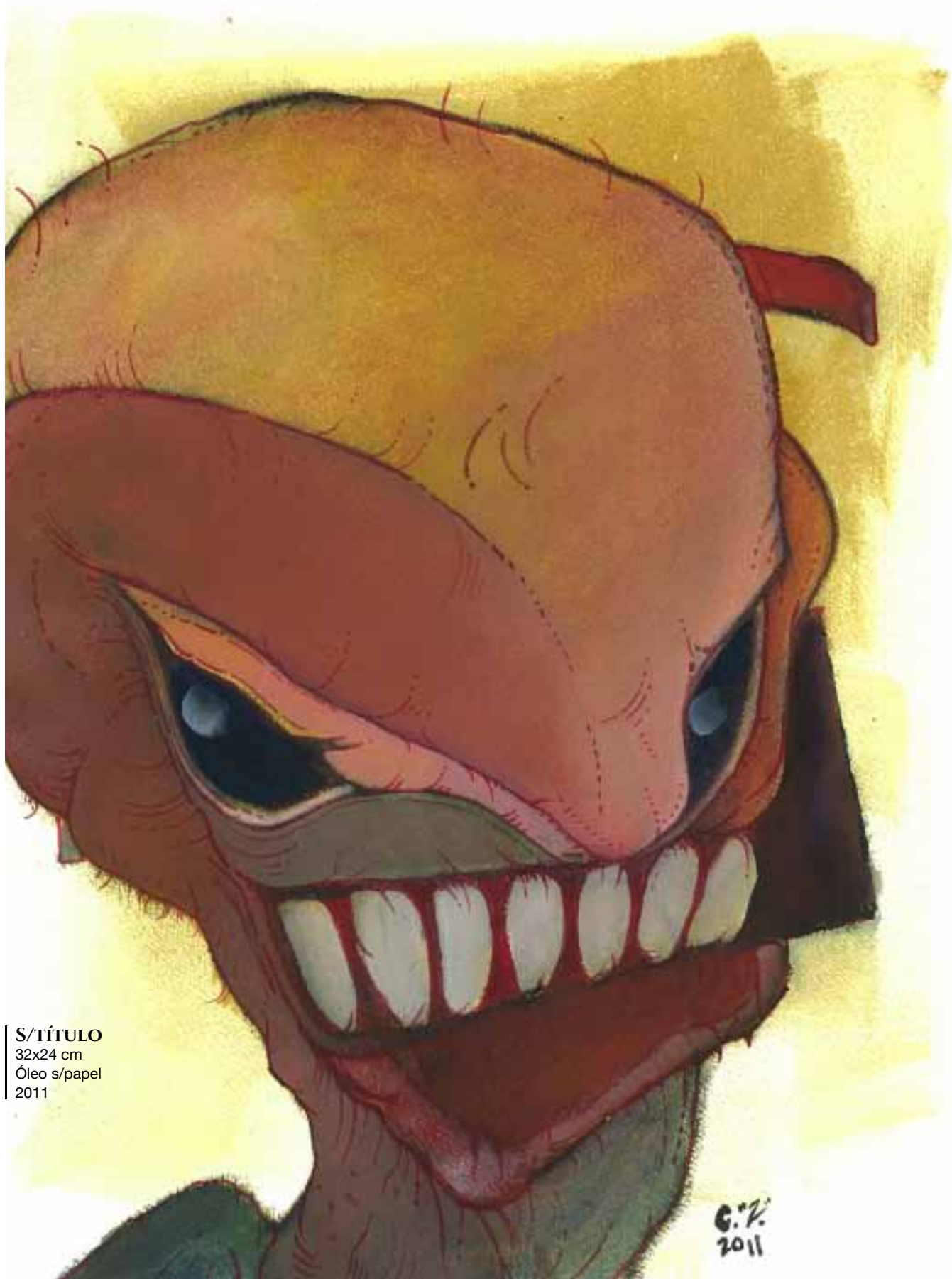




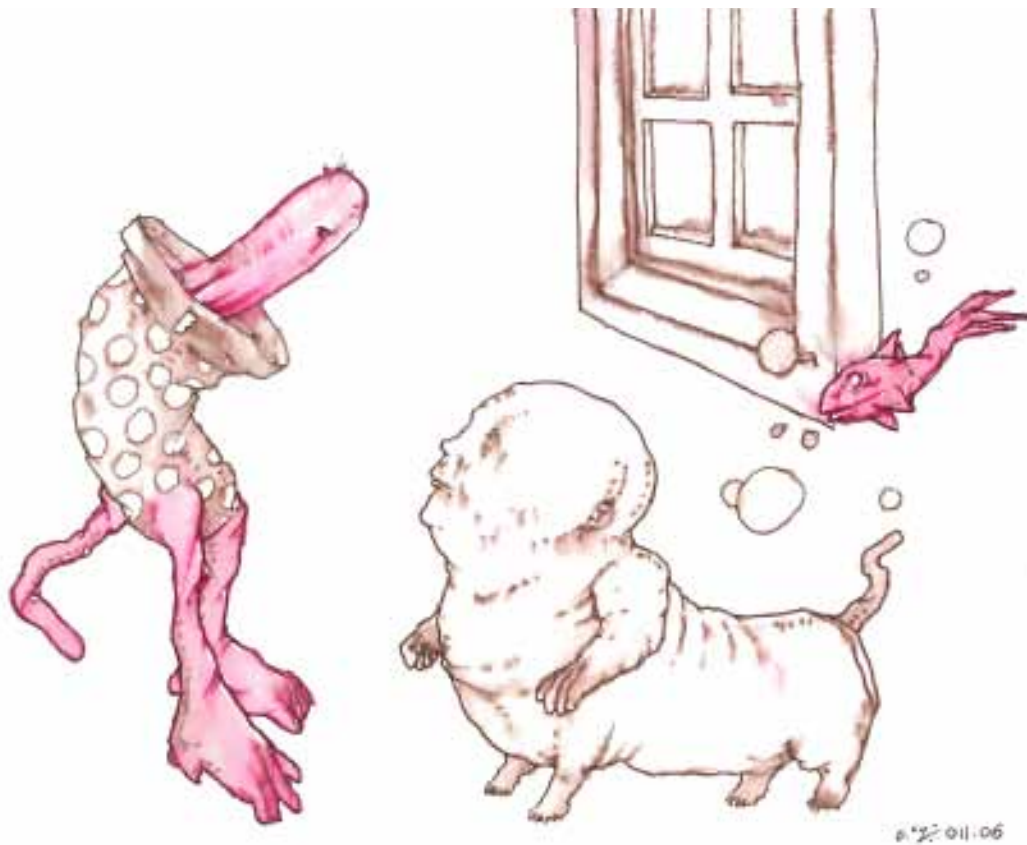
**THIS IS THE HEAD**  
35x50 cm  
Tinta-da-china s/ papel  
2006



**HUNTING**  
27x35 cm  
Guache s/papel  
2010



S/TÍTULO  
32x24 cm  
Óleo s/papel  
2011

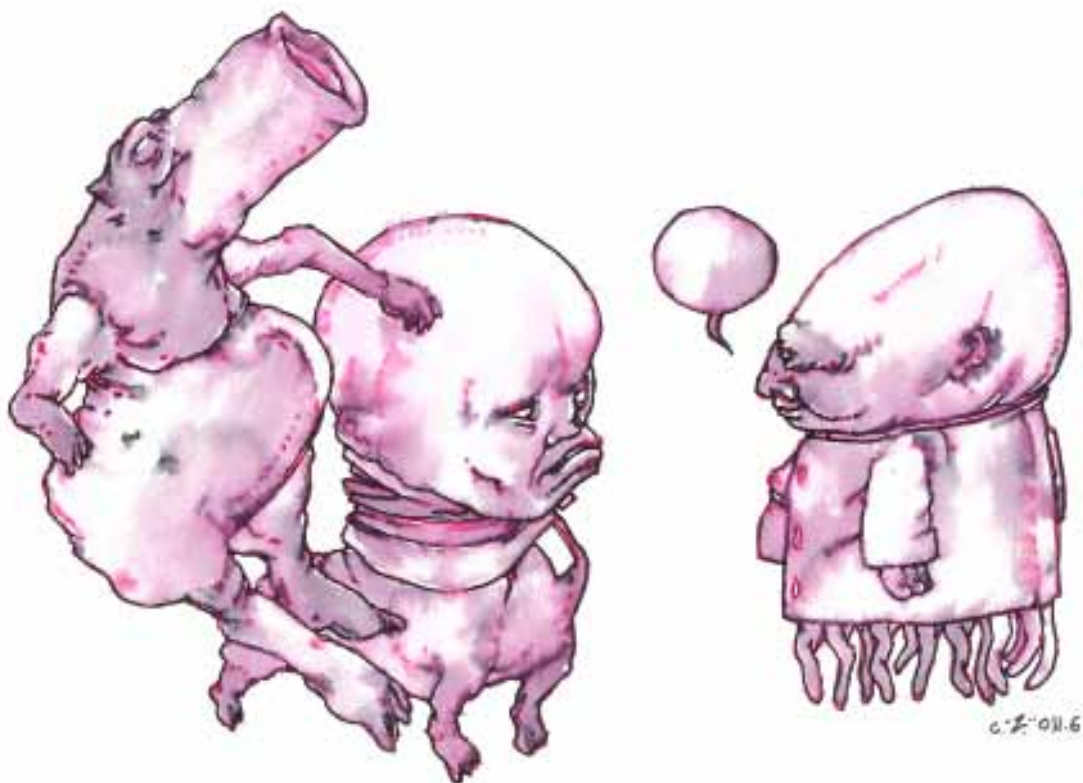


**WINDOW FISH**

24x33 cm

Técnica mista s/papel

2011

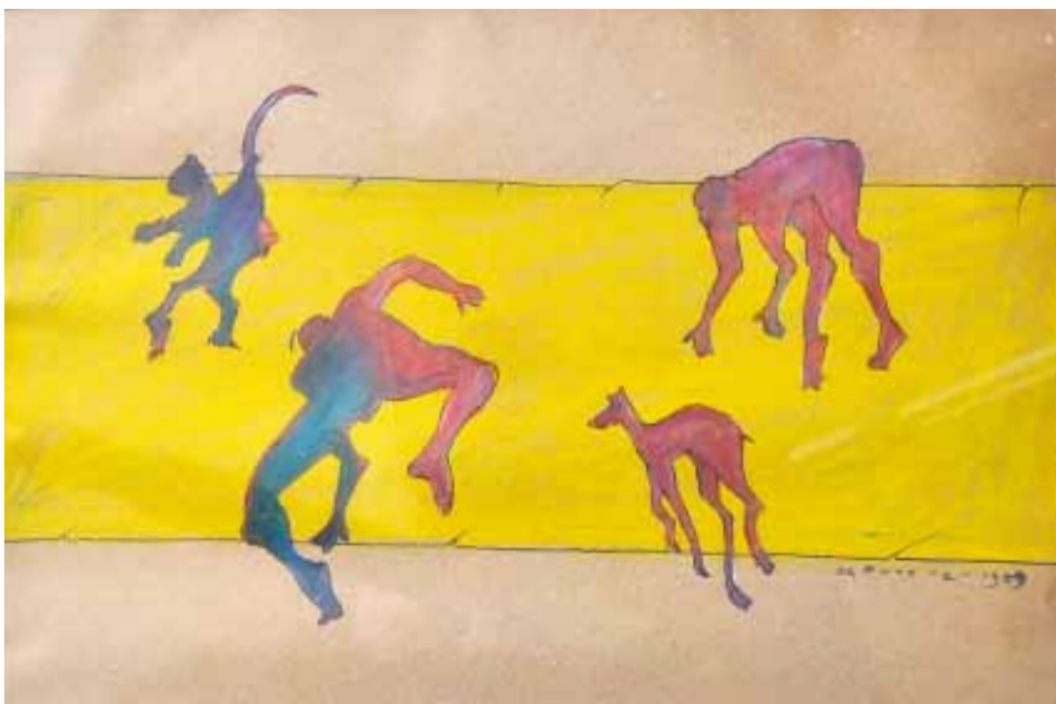


**S/TÍTULO**

24x33 cm

Técnica mista s/papel

2011



S/TÍTULO  
45x58 cm  
Pastel s/papel  
1989



S/TÍTULO  
29,5x42 cm  
Sumi s/papel  
2010



**S/TÍTULO**  
20x40 cm  
Aquarela s/papel  
2012



**CIVITELLA**  
20x39,5 cm  
Técnica mista s/papel  
2010



S/TÍTULO  
35x27 cm  
Técnica mista s/papel  
2011



**THE VOMIT**  
30x24 cm  
Óleo s/tela cartonada  
2001

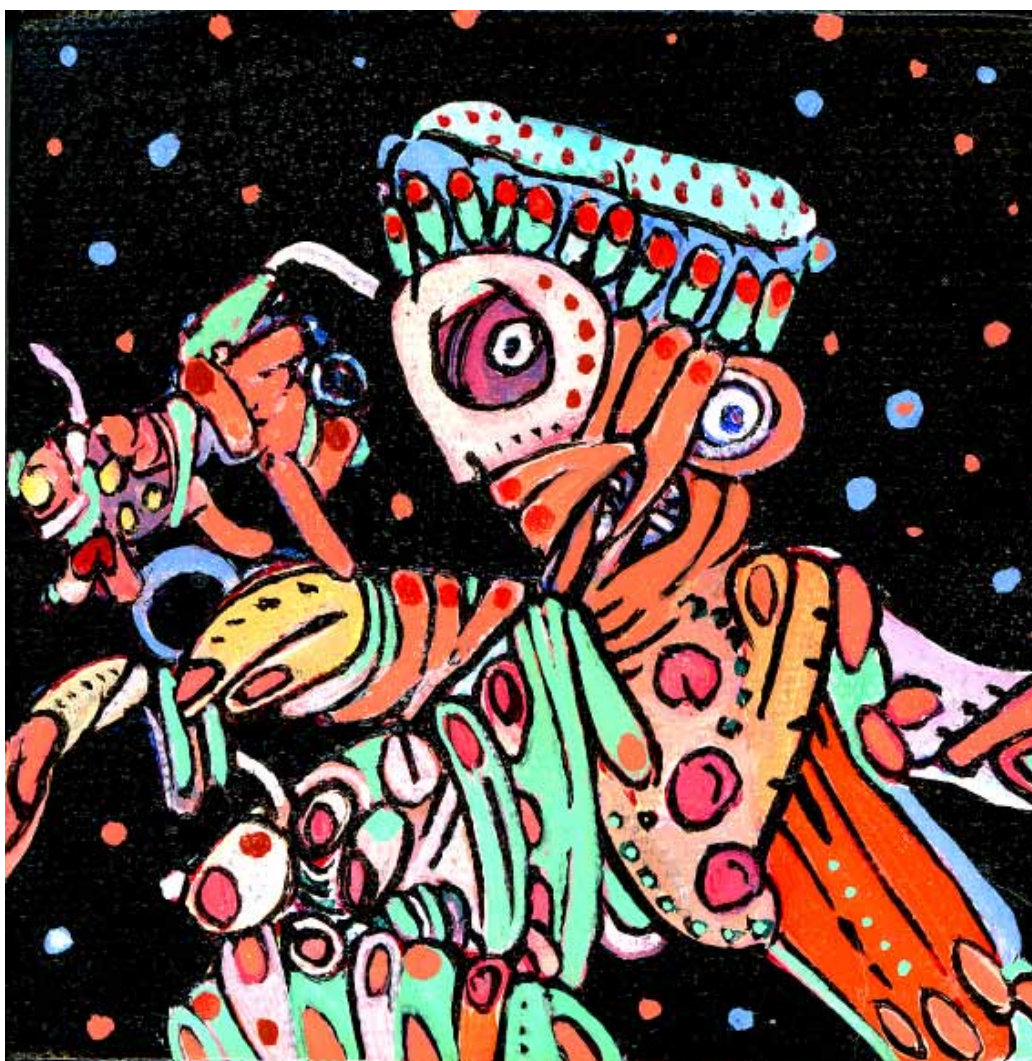


**FIGURES & LANDSCAPE**

20x40 cm

Acrílico s/papel

2012



**BLOCK #01**

10x10 cm

Óleo s/tela cartonada

2011

**ACABADO**  
43,5x40 cm  
Técnica mista s/cartão  
2006



**S/TÍTULO**  
27x35,8 cm  
Técnica mista s/papel aguarela  
2011





# DANÇAS

33x41 cm

Óleo s/tela cartonada

2010

## The Sea Between

I have known Carlos “Zingaro” as a wonderful musician and friend for some forty years.

We have performed and recorded together in Europe, Asia, North and South America many times, and it has always been a great pleasure to do so. I have also known some of his work as a visual artist over the years, and greatly admired it. In 1987 and 1994 I asked Carlos for artwork for two record covers – the first a Victo Records LP (later as a CD as well) of our duets from the Victoriaville Festival in Quebec / Canada, and later for my Cyberband project at the Moers Festival in Germany. What he supplied was terrific – the first a take on Hokusai’s Wave, the second, marvelous caricatures of all the musicians involved in the project.

The images in this show are a bit like caricatures as well – this time, though, caricatures of imaginary creatures – some human or humanoid, others animals, birds, insects, toys, dolls, monsters, some with disembodied limbs, landscapes, seascapes, skyscapes.

They offer many moods—funny, scary, erotic, repulsive, earthy, extraterrestrial. The colors are brilliant and fantastic: look at “O Poder da Terra”, “Paktuos”, “Civitella”, “Cancela.”

Among the charms of many are the hidden images they contain.

Even after days of looking at them, I suddenly discovered new faces: creatures and perspectives previously unseen (eg, in “Cancela”), making them well worth repeated viewings.

Despite the humor, brilliance and variegated colors of many, the overall mood is far more complex than simply cheerful. The images, by and large, are often macabre – even frightening. They are neither quite figurative nor abstract, but a sort of surrealist mix of the two.

All bring forth a rich and varied world of creatures from “Zingaro”’s unconscious that is astonishing – at once amusing and disturbing.

I have always thought of Carlos as the consummate gentleman, but beneath that polished exterior there lies a world of hellish, bizarre, sometimes cute but often damaged demons.

Hopefully he can continue to keep them in line and under control, limiting their startling eruptive appearances only to his remarkable art.

**Richard Teitelbaum** – músico, compositor, docente  
(Woodstock / New York, USA)



**BLOCK #02**

10x10 cm

Óleo s/tela cartonada

2012



S/TÍTULO  
21x28,5 cm  
Óleo s/papel  
2011



S/TÍTULO  
21x28,5 cm  
Óleo s/papel  
2011



S/TÍTULO  
27x35 cm  
Óleo s/papel  
2011



**CONVOLUTION 2012/4**  
24x33 cm  
Técnica mista s/tela  
2012



**CONVOLUTION 2012/2**  
24x33 cm  
Técnica mista s/tela  
2012



**CONVOLUTION 2012/1**  
 24x33 cm  
 Técnica mista s/tela  
 2012

C. ENGRA 2012

**CONVOLUTION 2012/2**  
 24x33 cm  
 Técnica mista s/tela  
 2012



C. ENGRA 2012



**OLHARES**  
30x42 cm  
Técnica mista s/tela  
2012

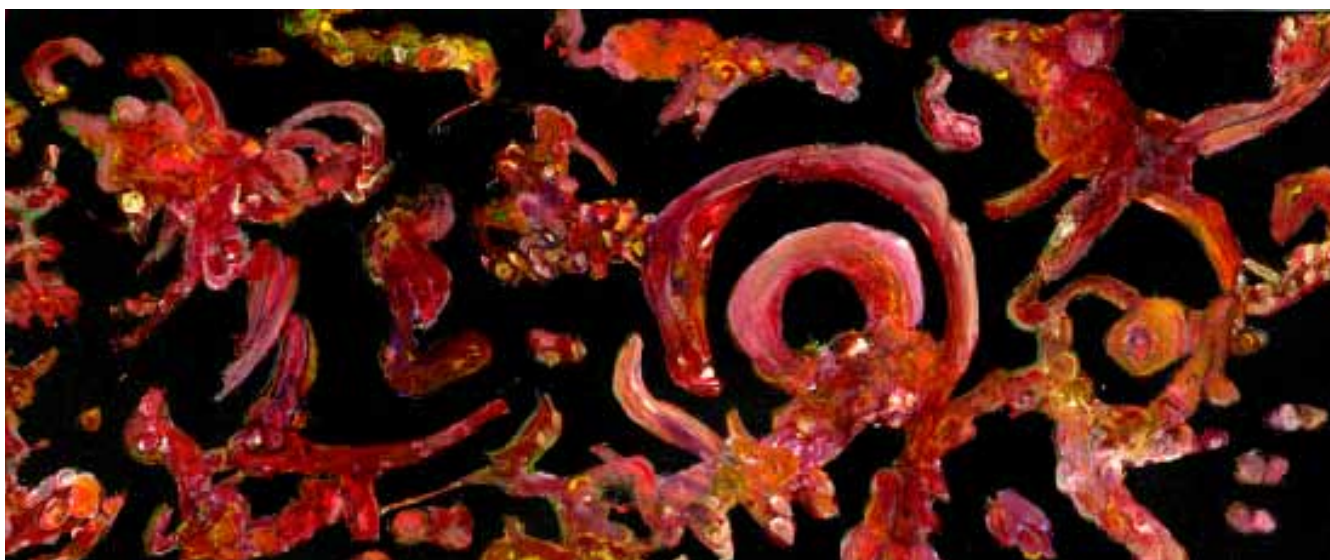


**NEW EXPERIENCES – BIG FACE**  
49x70 cm  
Acrílico s/cartão  
2012



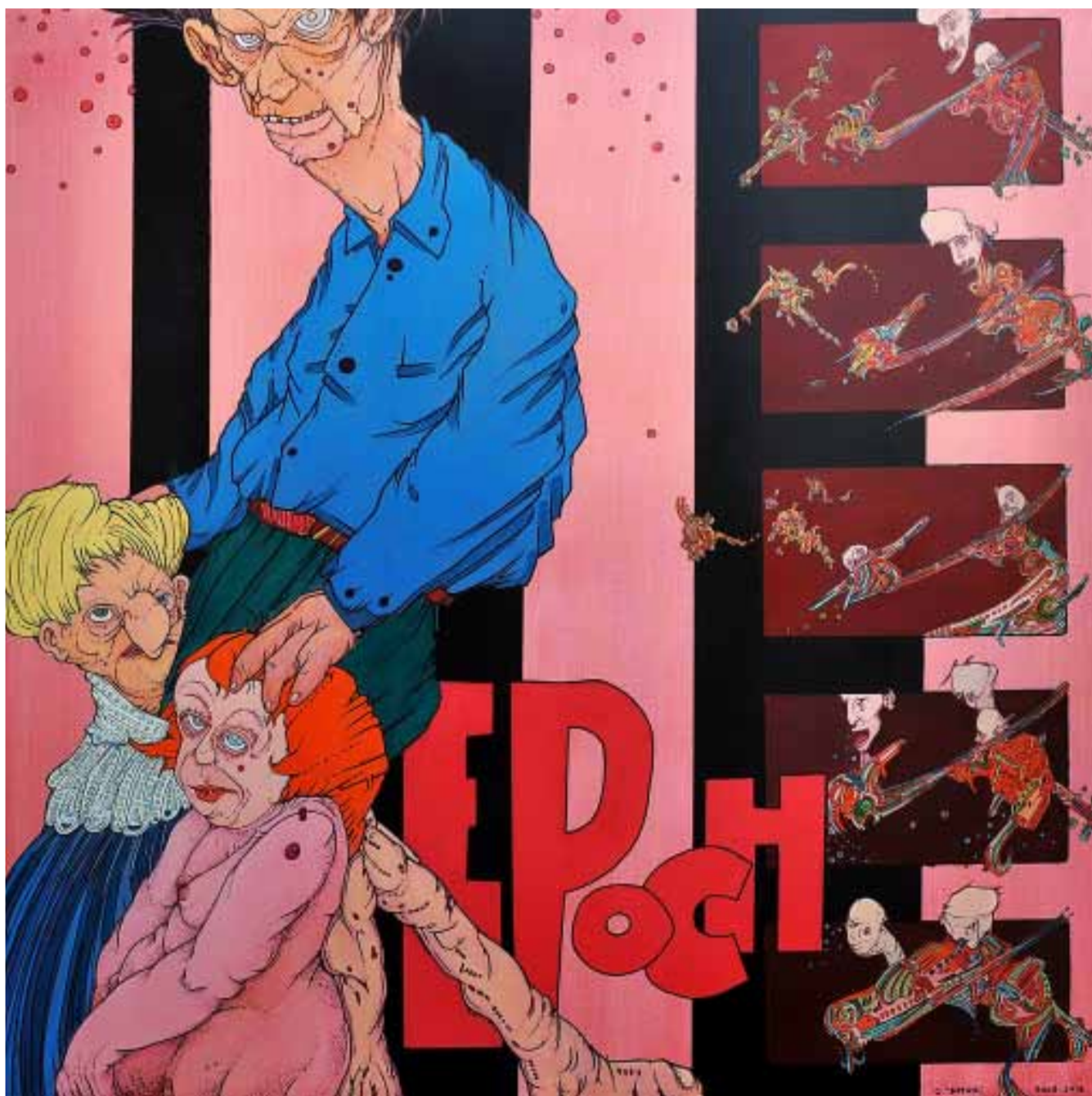
**CONVOLUTION 2012/4**

24x33 cm  
Técnica mista s/tela  
2012



**ENTRANHAS**

12x30 cm  
Óleo s/tela  
2010



**EPOCH-MUSIC FOR MÉNAGE À TROIS**  
100x100 cm  
Acrílico s/tela  
2005/12



**ENLÈVEMENT DES SABINES**

100x100 cm  
Acrílico s/tela  
2005/12



**S/TÍTULO**

27x35cm

Aquarela e guache s/papel

2010



**FANTOCHES**

35x27cm

Tinta-da-china s/ papel

2002



**TURMOIL**

50x35cm

Tinta-da-china s/ papel

2006



**FOL...**

35x27 cm

Técnica mista s/papel

1991



**S/TÍTULO**

32x24 cm

Aguarela e guache s/papel

2003



**S/TÍTULO**

21x30 cm

Aguarela s/papel

2011



**THE INTERPLAY**

35x50cm

Tinta-da-china s/ papel

2006

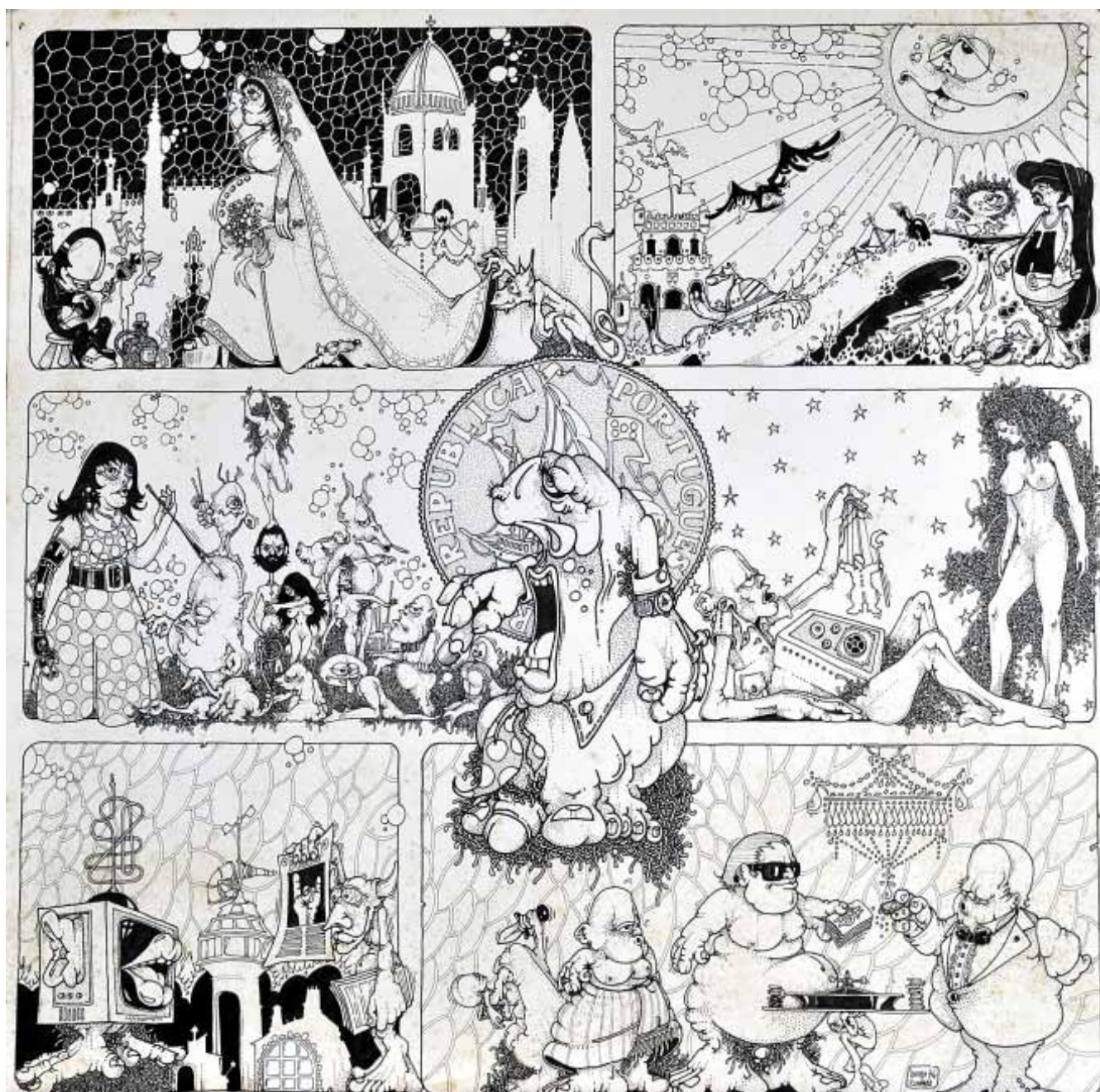


**BANDA DO CASACO**

Capa de LP  
Composição plástica  
1974



**PLEXUS**  
Capa de LP  
Composição plástica  
1969



**BANDA DO CASACO B**

Contracapa de LP  
Composição plástica  
1974



# **LISBOÉMIA**

Ilustração

Composição plástica

1978



# **FERNANDINHO...**

Ilustração

Composição plástica

1976



**S/TÍTULO**

29x40,5 cm

Técnica mista s/ papel

2012

## POSFÁCIO EXPOSITIVO

Conheço Carlos Zingaro vai para mais de uma vintena de anos. Sempre fui seu confesso admirador e tive o raro privilégio de participar num seminário que ele organizou e em que também participou o falecido músico Peter Kowald. Em todos esses anos de mútuo conhecimento sobrelevou-se a música em relação a quase tudo o resto. Nunca suspeitei que ele tivesse outros afazeres ou interesses, de tão genial capacidade e labor que o via ter, que não a música. Nem nunca me ocorreu perguntar-lhe. Foi, pois, com enorme surpresa que, certo dia do ano 2010, encontrei algumas obras suas numa exposição colectiva, “Tinta nos nervos”, que se apresentava no Centro Cultural de Belém.

Posso dizer, sem mácula, que o fascínio pela sua obra musical não foi causa nem efeito do que viria a nutrir, a partir desse instante, pela sua obra plástica. Um e outro são complementares. Ambas as facetas do artista se nivelam na excelência daquilo que ele é. Na linha dos melhores que este rectângulo minúsculo que habitamos foi conseguindo trazer para a luz dos tempos. Do anónimo pintor de “Inferno”, obra maior do Museu Nacional de Arte Antiga, pintada algures no Séc. XVI, e Francisco de Holanda, seu contemporâneo provável, até Amadeu, Almada, Cesariny e Cruzeiro Seixas, para falar só de alguns e apenas de pintura, a verdade é que a arte que Zingaro produz segue essa via de génio que desponta naturalmente num país de amarras e medos. Há sempre alguém, felizmente, a não se deter ante o desafio. A enfrentar as adversidades numa construção altruísta da nossa memória e cultura colectivas.

Carlos Zingaro pintou por necessidade única de expressão da sua interioridade, isso é certo. Quando, passados meses sobre esse meu primeiro contacto com a sua obra, me foi possível entrar no seu universo plástico de forma mais plena, no seu atelier, percebi de imediato tudo isto. E compreendi a importância de mostrar as suas obras, reunindo-as em torno de uma exposição antológica a que o autor decidiu chamar “Seres grotescos”. Esses seres, presumo, serão mais os que devolvem às obras a sua mirada - como a máscara o faz ao rosto que a suporta - do que aos personagens nelas inscritos. Digo-o porque nos seres e nas formas habitadas em que Zingaro os aglutinou, não há se não o belo e insidioso mundo do fantástico feito real. Isso, a meu ver, não é grotesco. Somos nós, na nossa incapacidade de transformação do real que assim os vemos.

“Uma rosa é uma rosa é uma rosa”, diria Stein. Nós e este mundo transformámos o belo em algo grotesco, brutal. Não foram as tintas nem os pinceis com que o autor criou estas obras que nos devolvem uma espécie de verdadeira imagem. Com humor, ironia, sentido coreográfico e cénico. Também musical. Tudo isto habita aí, nas obras pintadas com labor de genial artífice e somos nós e o nosso reflexo o seu motivo maior. Nós, apenas e só “Seres” com tudo o que de bom e mau existe nesta humanidade feita, contemporaneamente, grotesca.



## Ficha Técnica

conceito e curadoria  
**Carlos Cabral Nunes**

autor  
Carlos Alberto Corujo de Magalhães Alves - **Carlos Zingaro**

design, multimédia e audiovisual  
**Carlos Cabral Nunes**

produção executiva e direcção financeira  
**Nuno Espinho**

produção, comunicação e web  
**Graça Rodrigues**

assistência de produção e comunicação  
**Margarida David**

execução gráfica  
**Mauro Matos**

textos  
**Carlos Cabral Nunes, Ernani Balsa, Eurico Gonçalves, João Lucas,  
Joëlle Lèandre, José de Matos-Cruz,  
Marco Mendes, Marcello Magliocchit, Richard  
Teitelbaum, Sebi Tramontana, Teixeira Moita**

Impressão  
**Perve Global - Lda.**  
ISBN: 978-989-97879-3-3



### S/TÍTULO

29,5x42 cm  
Aquarela s/papel  
2012



CT-24 | Janeiro de 2013  
Edição ©© Perve Global – Lda.  
Proibida a reprodução integral ou  
parcial deste catálogo,  
sem autorização expressa do editor.

**Perve**  
Galeria  
  
**Alfama**

## INAUGURAÇÃO DE “SERES GROTESCOS”



**Perve Galeria - Alfama**  
Rua das Escolas Gerais nº 17 e 19  
1100-218 Lisboa | T 218822607/8 Tm 912521450

**Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h**  
[galeria@pervegaleria.eu](mailto:galeria@pervegaleria.eu) | [www.pervegaleria.eu](http://www.pervegaleria.eu)

Parqueamento automóvel Portas do Sol  
Transportes: Metro Sta. Apolónia - Linha Azul;  
Eléctrico nº 28

Estacionamento facilitado no Largo da Igreja de  
S. Vicente de Fora e na zona da Feira da Ladra  
(excepto 3ª fe e Sábado).